

RAIO X DO CAMPO MISSIONÁRIO

**Reflexões de um médico missionário
na África Muçulmana**

JOSÉ ROCHA JUNIOR



RAIO X DO CAMPO MISSIONÁRIO

José Rocha Jr.

juniorandrea@gmail.com

Capa: josonar@gmail.com

© PM Internacional

Apdo. 573 - 18080 Granada - España

www.pminternacional.org - info@pminternacional.org

O conteúdo da Coleção Muçulmania nem sempre corresponde com a opinião dos editores. Todavia, se publica como um meio de fomentar o intercâmbio de diferentes pontos de vista e motivar a reflexão. Ao menos que se indique outra coisa, as citações Bíblicas foram extraídas da versão Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

2006 Primeira edição com o título: *Experiências como médico missionário em um país muçulmano*, Julio Ribeiro (pseudônimo).

2008 Segunda edição revisada com o título: *Raio X do campo missionário*, José Rocha Jr., por Editora Luz & Vida, Curitiba, Paraná, Brasil.

2009 Tercera edição bajo Colección Musulmania. Usado con permiso.

Índice

Agradecimentos	9
Introdução	11
1. O chamado	13
2. A chegada ao campo	25
3. Exercendo a profissão no campo.	37
4. Desenvolvimento e gestão de projetos.	45
5. Profissionalismo x Amadorismo	59
6. Missionário médico ou médico missionário?	69
7. Portas que se abrem	77
Conclusão	81

DEDICO este escrito a duas mulheres,
duas mães:

A Minha mãe de sangue, Rita Paes
Pinto, fiel intercessora, que me ensinou,
desde a infância, amar ao Senhor e a Sua
Palavra.

À memória de minha “mãe argen-
tina”, Josefina Panotto, que até os últi-
mos momentos de sua vida orou por
nosso país, pela equipe missionária e
pelos crentes locais.

Agradecimentos

GOSTARIA, inicialmente, de agradecer a Federico Bertuzzi, editor e amigo argentino, irmão que me tem estimulado a escrever e pessoalmente trabalhou na publicação deste e de outros materiais de nossa missão PM Internacional (Povos Muçulmanos).

Louvo a Deus pela vida do Rev. Daniel Calze, Ministro Presbiteriano e Diretor Nacional do escritório de PM no Brasil, que batalhou para a publicação destas páginas no Brasil.

Carinhosamente agradeço a minha amada esposa, Andréa, por apoiar-me a cada dia, vivendo comigo as experiências aqui relatadas.

Agradecimento maior ao Senhor Jesus, por ter me salvo e graciosamente concedido o privilégio de trabalhar na sua Seara.

Introdução

JÁ FAZ ALGUM TEMPO que vinha pensando na possibilidade de escrever algumas linhas a respeito de minha experiência, como médico missionário, num campo em que a maioria da população é de confissão muçulmana. O doutor Abel Panotto, companheiro argentino de profissão e missão, que viveu e trabalhou muitos anos no Paraguai, sempre me incentivou a escrever sobre esse tema. Finalmente, depois de quatro anos de vivência no campo missionário em um país muçulmano, resolvi escrever estas reflexões sob forma de monografia. Inicialmente não tinha a intenção de publicá-la, entretanto, Federico Bertuzzi (ex-presidente de PM Internacional) adequou e formatou este material, trabalhando e tornando possível essa edição.

Escolhi este título *Raio X do Campo Missionário*, pois ele reflete a real intenção deste trabalho. Em uma radiografia existem coisas que são absolutas, princípios que não se alteram. E por outro lado observações que dependem da-

quele que interpreta o exame. A interpretação de uma radiografia depende do conhecimento e experiência daquele que faz a leitura do exame, bem como do ângulo pelo qual se olha o exame. Da mesma forma neste trabalho algumas coisas são princípios e verdades, enquanto outras são pensamentos e análises de alguém que faz “hipóteses diagnósticas”, baseadas em uma visão e uma leitura dos fatos. Espero que o leitor possa fazer seus próprios diagnósticos e suas próprias hipóteses e que estas linhas levem a uma maior reflexão.

A finalidade principal ao redigir este texto é a de realizar um relato que permita a outros colegas, que porventura venham ao campo, extrair algo de positivo das diversas situações que eu vivenciei, a fim de que não pisem nos buracos ou tropecem nas mesmas pedras que eu. Além disso, meu objetivo é motivar, animar e orientar um pouco a caminhada de novos profissionais, sobretudo os da saúde, crendo que veremos um crescente envolvimento de profissionais para missões nos próximos anos, para a Glória do Senhor e salvação de muitos.

JOSÉ ROCHA JÚNIOR

CAPÍTULO 1

O chamado

ESTE É UM ASPECTO interessante e certamente um dos mais importantes, a razão principal de estarmos e nos mantermos no campo missionário. Diante das diversas situações vividas e dos momentos de maior dificuldade é a convicção do chamado de Deus que nos sustenta e renova nosso ânimo para o trabalho. Mesmo um profissional que exerça uma atividade extremamente útil no campo e na obra de plantação de igrejas necessita ter um chamado claro e específico do Senhor.

Quando o trabalho social caminha bem, consultam-se muitos pacientes ao dia, o ministério se expande e a própria população o confirma por meio de palavras e gestos de gratidão e reconhecimento, o missionário sente que seu trabalho é realmente importante para a população que está sendo beneficiada. Isto faz bem, alegra o coração, e anima

muito. Nestas horas lembrar-se ou não do chamamento de Deus, na verdade, não faz tanta diferença.

Todavia, quando falta o reconhecimento da população, quando alguns planos não se concretizam, quando o trabalho é bloqueado pelos fatores os mais diversos, quando a crise financeira chega, os alvos não são alcançados, os conflitos relacionais se estabelecem, ou ainda quando um membro da família se enferma ou até o próprio missionário é abatido por uma forte malária, nessas horas difíceis ter um diploma médico, ou uma especialização, ou uma clientela que o admira e respeita não servem para mantê-lo no campo. O único fator que mantém um servo de Deus firme no campo é a convicção do chamado.

Porque insisto tanto neste ponto? Porque creio ser fundamental. Algumas vezes as Agências Missionárias podem ser atraídas pela qualificação profissional que o vocacionado apresenta. Sendo “seduzidas” pelas diversas possibilidades e portas à evangelização que se podem abrir, caso ele aceite trabalhar como missionário em um dos campos. Pode-se cair no erro de não verificar cuidadosamente se realmente se trata de um verdadeiro vocacionado ao ministério missionário. É com muito temor que menciono isto, mas é sabido que a crise financeira e o desemprego nos países latino-americanos são crescentes. Vislumbrando a oportunidade de conseguir uma ocupação no exterior, aprender outro idioma, viver em uma outra cultura, alguns podem ser erroneamente motivados por essas razões, mesmo que inconscientemente, sem segundas

intenções. Mas não percebem o que estão fazendo e não têm uma idéia real do sério compromisso assumido e suas implicações.

Esse tipo de situações, que são constrangedoras para o candidato a missionário, à igreja e à missão pode ser evitada. É necessário, portanto, maior critério na aceitação dos candidatos e avaliação continuada de profissionais vocacionados ao campo missionário. Digo avaliação continuada, pois a vocação não é algo estático. Desde o momento em que se ouve o chamado de Deus até a chegada ao campo e mesmo durante a permanência em serviço por muitos anos, muitas coisas acontecem, ocorrem mudanças internas e externas.

Um universitário recebe seu chamado

Neste momento desejo compartilhar minha experiência pessoal de chamado. Ainda era um adolescente quando no final dos estudos secundários me perguntava e orava ao Senhor, buscando saber qual era minha verdadeira vocação. Algumas pessoas na igreja diziam que deveria ir para o seminário e tornar-me um pastor. Porém, sempre tive, desde os seis anos de idade, o desejo de ser um médico pediatra. Na verdade eu tinha três sonhos: ser pediatra, pastor e jogador de futebol. Todos sabem que a última opção não se realizou.

Vivendo a angústia da indecisão me pus a orar, estudar e realizar os testes necessários para ingressar na Faculdade de Medicina. Perguntava sempre ao Senhor se era este o ca-

minho que deveria seguir. Prestei concurso vestibular em várias entidades no país. E embora tivesse uma boa preparação escolar não conseguia ser aprovado. Até que no dia 23 de fevereiro de 1991 (coincidentemente data de meu aniversário) fui aprovado para ingressar na Faculdade de Medicina de Itajubá, em Minas Gerais. Lembro-me de que sabendo do resultado, no mesmo momento me ajoelhei agradecendo ao Senhor pela aprovação no concurso. Nessa mesma hora recebi meu chamado. Foi quando Deus me revelou o porquê de tantas lutas e dificuldade para ser aprovado no vestibular. Deixou claro que eu havia entrado na faculdade de medicina não por meus próprios méritos, mas por Sua vontade e era Seu desejo que eu lhe entregasse minha profissão. Sem saber onde me levaria tal decisão, sem hesitar, consagrei naquele dia minha profissão ao Senhor. Somente um ano mais tarde, em um congresso único de Fazedores de Tendas, no Centro Evangélico de Missões (CEM), em Viçosa, pude compreender o que Deus realmente queria de mim. Ouvindo a pregação e testemunho do Dr. Stephen Foster, um médico canadense, missionário em Angola, percebi que Deus desejava usar minha profissão para o serviço missionário na África negra. Depois desses dois eventos marcantes, muitas outras confirmações se sucederam: em congressos que participei, livros que li e diálogos que travei, a certeza do meu chamado e direções mais específicas foram se aclarando em minha mente. Durante os anos de faculdade Deus permitiu que recebesse a influência de pessoas como a missionária Sulamita de Barros, pastor Josué Martins (diretor da Mis-

são Avante), Oswaldo Prado (diretor da SEPAL SUL), que muito me incentivaram e não permitiram que minha visão se perdesse ao longo dos anos.

Somente no ano de 1997, enquanto realizava a especialização em pediatria, na cidade de São Paulo, ao ouvir os missionários Silas e Yoná e após uma conversa rápida e informal com Ivoneide, uma dentista brasileira que trabalhou muitos anos em um país africano, fui desafiado a trabalhar especificamente em um país muçulmano. Após uma visita prévia para conhecimento do campo e do trabalho da missão, eu e minha família nos sentimos motivados a nos instalar no país, onde eu pretendia desenvolver um trabalho como médico missionário.

Julgo que alguns fatores foram determinantes para que eu mantivesse minha visão, chamado e assim fosse ao campo. Em primeiro lugar, tive apoio importante por parte de alguns irmãos da igreja e da missão Avante que nos incentivaram e orientaram durante meu tempo como estudante de medicina. Apoio este imprescindível, pois é no período de faculdade o momento mais propício para ganhar ou perder candidatos ao campo. É um tempo que, pelo afastamento dos pais, mudança de cidade e outros fatores, o jovem se apresenta mais susceptível às boas ou más influências. É na universidade que o estudante está aberto a sonhar com a possibilidade de servir a Deus e ao mundo com sua profissão. E é também nesse ambiente que o jovem pode até mesmo se perder. Se aquele que tem um chamado missionário não tiver um acompanhamento

adequado, o chamado pode ser esquecido, dando lugar à cobiça de se transformar em um profissional famoso, bem sucedido e com muito dinheiro. Acredito ser a universidade um grande celeiro de missionários, ainda pouco explorado por igrejas e missões. Não podemos esperar que o jovem se forme, tenha seu emprego, seu bom salário, estabilidade, casa, mulher e filhos para desafiá-lo ao campo missionário. Não é fácil convencer um profissional que já está estabelecido na vida a deixar tudo e ir para um país desconhecido como missionário. Embora Deus possa fazê-lo. Seria muito melhor se pudéssemos fomentar a mentalidade de dedicação e serviço à causa do Reino ainda quando o vocacionado está realizando seus estudos, ou no máximo quando esteja iniciando sua vida profissional.

Um segundo fator importante para a concretização do meu chamado foi a possibilidade de realizar uma visita exploratória prévia ao país destino. Nessa ocasião tive a oportunidade de conhecer um pouco da cultura, sentir e ver as necessidades e conhecer de perto a missão em que iria trabalhar, além de entrar em contato com os projetos que eles desenvolviam e com a filosofia da organização, bem como ter informações sobre as oportunidades de trabalho oferecidas. Isso me ajudou muito, trazendo tranquilidade e segurança para deixar meu país natal e facilitou a adaptação cultural, diminuindo alguns choques iniciais.

Um terceiro fator que desejo citar, e que para mim é fundamental no chamado, é a escolha do companheiro ou companheira (para os que são solteiros, logicamente). Mi-

nha esposa, Andréa, sempre foi um grande apoio ao meu ministério e teve também seu chamado individual pelo Senhor para estar no campo. A posição do cônjuge é muito importante, pois este pode colaborar ou atrapalhar. Se o cônjuge não tiver convicção do seu chamado e estiver apenas acompanhando o outro, pode, em algum momento, gerar situações internas de conflito, agravar o choque cultural, ser um obstáculo à adaptação da família à nova cultura e por conseqüência impedir o bom avanço do ministério. Conhecemos muitas histórias de jovens, com boa formação profissional e bíblica, com sincera vocação, mas que não levaram a termo o seu ministério por causa de uma escolha equivocada na hora de casar-se. Há necessidade de se orientar os jovens sobre o perigo de se casarem com o que se chamaria de “coveiros(as) de vocação missionária”.

Acrescentaria ainda que o chamado é confirmado realmente após a chegada no campo, passado o período de “lua de mel”, quando o obreiro enfrenta as primeiras crises e dificuldades. Os primeiros anos são a grande prova e confirmação da vocação. Eu particularmente digo que, em meus primeiros três anos de campo, me considerava um candidato a missionário e só depois do regresso ao campo para um segundo período é que, penso eu, comecei realmente a transformar-me em um missionário. Parece ser neste momento que nosso ministério vai se iniciar. O chamado é algo dinâmico, que se confirma e reafirma a cada dia, em cada situação diferente, passando pela crise, diante das oportunidades e desafios. Neste aspecto como citou

Pedro Jones (americano e um dos diretores da área de treinamento da PMI): “necessitamos compreender o chamado dentro do chamado”, ou seja, Deus pode ter outros chamados dentro do chamado.

Os anos de trabalho aqui, têm mostrado que eu e minha família temos um chamado geral, mas existem muitos outros chamados posteriores, específicos, vocações que vão surgindo no campo e aos quais devemos ser sensíveis e flexíveis, estando abertos para discerni-los, visando o bom cumprimento do nosso ministério.

Acredito, ainda, que é papel das Agências Missionárias e dos missionários que já estão no campo estabelecer estratégias claras e objetivas para alcançar os jovens que estão nas universidades. Os jovens devem ser orientados nas igrejas acerca do chamado missionário e suas implicações, serem incentivados e orientados quanto ao preparo, a fim de não deixar morrer a disposição que eles têm em servir ao Senhor. Além disso, as Agências devem também estar atentas aos momentos de crise do missionário no campo no que se refere ao seu chamado e ajudá-lo.

Ainda me referindo ao chamado missionário, gostaria de ressaltar que para a concretização deste há certos questionamentos e preocupações do candidato que precisam ser levadas em consideração, questionamentos esses que talvez outros candidatos que não vão exercer sua profissão no campo podem não ter. O profissional missionário que deixa seu trabalho para ir ao campo precisa estar sentir credibilidade na missão com a qual vai trabalhar, saber

com maior precisão possível onde vai se instalar, seu local de trabalho, de que maneira vai utilizar sua profissão. Necessita ainda de informações sobre a organização com a qual está firmando um contrato como missionário e saber se realmente há oportunidades para desenvolver sua profissão no país destino. São algumas questões que o candidato coloca e que necessitam de respostas objetivas da liderança da missão com a qual ele vai trabalhar.

Os projetos de trabalho desses candidatos também precisam ser levados em consideração e discutidos. Lembro-me de que quando estava contatando a missão para ir ao campo e estabelecendo uma parceria, eu tinha muitas destas perguntas na cabeça, e inclusive um esboço de projeto de trabalho. Ao visitar o campo e o escritório em Granada eu me senti em parte aliviado e esperançoso por ver que realmente se tratava de uma organização séria, que estava interessada no trabalho de profissionais no campo e que havia oportunidade de trabalho no campo missionário. Contudo, confesso que me senti desencorajado ao conversar com um dos líderes da missão, pois ao apresentar-lhe o esboço de meu projeto, pouca atenção me foi dada, apenas ouvi: “não se importe com projeto agora, pois isto não tem importância no momento, quando chegar ao campo aí você vão definir o que vai fazer”. Isto foi muito ruim. Sei que o obreiro deve ser flexível às mudanças e variações nos projetos desenvolvidos, entretanto o que precisava naquela hora era saber com objetividade o que poderia fazer e se meu plano de trabalho era compatível ou

não. É verdade que muitos outros líderes me estimularam e levaram em consideração os sonhos que eu e minha família tínhamos no momento.

Esse tipo de comportamento por parte das Agências Missionárias pode desestimular o candidato e até mesmo provocar a sua não adesão. O responsável pelo recrutamento precisa, neste momento, ter paciência e compreensão, além de experiência e preparo para orientar este tipo de candidato. Pode ser difícil para alguém que não está acostumado a tratar com missionários profissionais compreender e responder certas questões específicas. Uma sugestão que poderia ajudar no processo de seleção de candidatos profissionais é ter ao lado do responsável pelo recrutamento um profissional missionário experimentado, disposto a responder às perguntas mais específicas sobre o trabalho. Mais interessante ainda seria se esse missionário fosse um profissional da mesma área que pudesse fornecer orientações mais precisas. No processo de seleção e recrutamento não se deve levar em consideração apenas o chamado espiritual para o campo, fatores como experiência cristã, formação teológica e missionária, experiência transcultural prévia e outros temas também são importantes e essenciais à admissão do candidato.

Antes de concluir este capítulo gostaria de ressaltar outro aspecto relevante para o bom desempenho do candidato no campo missionário. É importante verificar se o candidato deseja utilizar sua profissão no campo como ferramenta de ministério para a Evangelização ou não, pois

há aqueles que, mesmo sendo profissionais, não desejam exercer sua profissão no campo, e aqueles que desejam desenvolver de modo pleno sua capacidade profissional. Essa questão deve ser esclarecida antes e durante a chegada do obreiro no campo para evitar conflitos, falsas expectativas e frustrações. Há casos de médicos, enfermeiros, engenheiros e outros que ao chegarem no campo trabalham unicamente no ministério de plantação de igrejas sem ter o desejo de desenvolver algo na sua área. Isto deve ser visto como algo natural, como uma opção pessoal. Forçar alguém a se envolver em um trabalho motivado pela necessidade do campo, sendo que a pessoa não tem a vocação para tal, é um erro e pode acarretar problemas. É por isso que afirmo que o profissional missionário que usa sua profissão no campo, deve ter dois chamados ou vocações. Um para ser um missionário e outro para ser um profissional no campo missionário. O primeiro significa uma vocação para servir a Deus anunciando o Evangelho aos perdidos no mundo. O segundo é uma vocação para servir a Deus dedicando sua profissão aos necessitados do mundo.

CAPÍTULO 2

A chegada ao campo

CHEGA A HORA DA PARTIDA. O missionário deixa o seu emprego no país natal, prepara sua família para a mudança, busca os recursos necessários para ir ao campo, despede-se dos parentes e igreja, a qual o envia debaixo de sua bênção e unção e por fim toma o avião para o tão esperado destino, o campo missionário. Chegando ao novo país, depois de haver descansado um pouco, conhecido alguns lugares e pessoas nos primeiros dias, pára, pensa e se pergunta: “Quando vou começar a trabalhar? Quando vou atender o meu primeiro paciente africano?” Ou no caso de um engenheiro: “Quando vou começar a cavar poços? Ou como diria o engenheiro agrônomo: “Não vejo a hora de começar a ajudar os agricultores deste país!” São reflexões que a maioria dos profissionais missionários recém chegados ao campo faz. Elas expressam uma certa ansiedade na-

tural de pôr em prática suas habilidades e talentos, o mais rápido possível.

Imagino que em algumas áreas profissionais essa fase seja ainda mais difícil. Um médico que consultava cinquenta ou mais pessoas por dia, ver-se num país sentado sem poder consultar, é por vezes intrigante e desanimador. Entretanto, como consultar? Se não se consegue nem comprar um pão na padaria, como prescrever uma receita?

Louvo ao Senhor porque eu e minha família fomos bem orientados desde o início nesse sentido por meio de um curso denominado Curso de Orientação Transcultural (COT), uma excelente ferramenta para a instalação do missionário no país. O COT é um modelo de treinamento elaborado por nossa missão PM. Visa uma real introdução do missionário na nova cultura. Precocemente ele é colocado em contato com o idioma nativo e a cultura. Normalmente é realizado logo na chegada do missionário ao campo. O curso tem duração de cinco meses. O aluno, juntamente com seu cônjuge, freqüentam aulas do idioma nativo, seja o árabe, pular, ou turco, dependendo do país e etnia em que ele deseja trabalhar. Essas aulas se realizam pela manhã e à tarde há discussões práticas sobre a cultura e antropologia. Ao mesmo tempo a família toda parte nos finais de tarde ou fins de semana para estarem com uma família nativa, onde comem e dormem. Uma oportunidade para escutar e praticar o que aprenderam em classe. O último mês do curso é passado integralmente com uma família nacional, com quem passam vinte quatro horas juntos, durante

todo um mês. Ao final dessa etapa, como conclusão, o missionário (a), apresenta uma monografia, abordando um aspecto da cultura que lhe interessou. Além disso, cada aluno tem um caderno de emoções, cultura e idioma, onde escreve e compartilha com seu orientador de COT (no caso um obreiro experimentado) suas impressões sobre a nova cultura.

O COT foi uma experiência muito positiva para mim e minha família. Muito nos auxiliou na adaptação à nova cultura e no aprendizado do idioma local. Realmente é um período de suma importância na entrada do missionário no campo. Durante todo o curso fomos bem assessorados e não tivemos do que nos queixar. Quando deixamos o Brasil, já fomos orientados pela missão que passaríamos vários meses em treinamento antes de iniciarmos o trabalho como profissional. Esse tipo de orientação foi fundamental para nos trazer tranquilidade e evitar decepções e choques.

Não importando o sistema ou nome que a junta ou agência missionária possa dar a esse tipo de programa, é fundamental que ao iniciar o ministério, nos dois primeiros anos e mais intensamente no primeiro, o missionário entenda que faz parte de seu ministério gastar tempo de qualidade para o aprendizado dos idiomas que irá utilizar. É importante a compreensão também por parte das igrejas, seus líderes e membros em relação a esse tempo, ainda que pareça que o “missionário não está fazendo nada e somente aprendendo idioma”. Ele na verdade está envolvido em uma tarefa árdua e difícil, que pode redundar em base

bem feita ou fundamento mal acabado para os anos de ministério que virão. A igreja, os líderes de missões e o próprio missionário não devem, portanto, cobrar resultados ou envolvimento ministerial.

É uma grande tentação lançar-se diretamente ao trabalho, ajudar as pessoas, falar de Jesus, enviar uma foto com nosso contato evangelístico, crendo que o aprendizado do idioma virá naturalmente. Isto não é verdade, temos visto alguns colegas que infelizmente não deram prioridade ao aprendizado do idioma nativo e hoje passam por certas limitações. Acredito que mesmo sendo um profissional, ainda que as necessidades sejam grandes e tentadoras para um envolvimento mais precoce, ou que o líder local da missão ou os nacionais peçam para que ele possa trabalhar em sua área, essa atitude não seria o ideal. Levado pela ânsia de trabalhar o mais rápido possível, pela impressão de estar perdendo tempo por não desenvolver sua atividade, o obreiro pode não compreender a necessidade de participar integralmente da primeira fase de aprendizado da língua e cultura. Durante o tempo de treinamento e estudos tem-se a oportunidade de observar a cultura, aprender o idioma falado pela população com a qual se irá trabalhar, compreender a sua cosmovisão, isto no futuro se torna uma ferramenta eficaz no próprio trabalho como profissional.

Um exemplo claro disto foi uma experiência que tive ao tratar as crianças no consultório. Ao ver que algumas delas tinham as unhas grandes e sujas (fator que facilita as infecções) dizia às mães que cuidassem da higiene de seus

filhos e aparassem suas unhas. Até que um dia de consulta em uma das aldeias que servimos, escutando uma conversa, entendi porque as mães não cortavam as unhas de seus filhos quando lhes era pedido. Isto se explicava culturalmente, pela crença de que se a mãe cortar as unhas de seu filho quando este ainda é criança, ele pode se tornar um ladrão quando crescer. Foi o que me explicou uma mãe. Esse era então o motivo pelo qual elas não faziam o que lhes solicitava! Diversas experiências e uma gama enorme de dados e informações podemos obter se nos envolvermos com o povo já desde o início. Falar o idioma local é fundamental, e portas se abrem por causa disto. Não se pode desenvolver a profissão no país sem poder se comunicar bem com os nativos. Além disso, pode ser perigoso, principalmente na área de saúde, em que facilmente, pela falta de uma boa comunicação, o profissional missionário pode fazer um falso diagnóstico e administrar o medicamento errado, ou até mesmo fazer o diagnóstico correto e não ser capaz de explicar o tratamento corretamente, o que provocará um fracasso na terapêutica.

Outro aspecto interessante que observei é que, em algumas situações, quando estive em grandes hospitais da capital, o fato de me comunicar no idioma local com os pacientes, e não em francês, gerou uma atitude de aceitação e respeito por parte dos colegas médicos. No que tange ao nosso trabalho na comunidade e nas aldeias, percebemos que os pacientes sentem confiança em vir à consulta, pois vão encontrar um médico branco, mas que entende o idio-

ma do povo. Estes poucos exemplos são para reafirmar a importância de que o profissional missionário esteja pelo menos no seu primeiro ano de campo, consciente e disposto a estudar mais o idioma e a cultura do que trabalhar em sua área. Essa “pausa no trabalho” é preciosa, além do mais estudar o idioma nativo é “um grande trabalho também”.

Em nossa organização, terminado o COT, iniciamos o chamado pós-COT. É a continuação por mais oito meses de um estudo, agora não tão intensivo como o primeiro período, mas que leva a um envolvimento mais profundo e orientado com a cultura. Nessa etapa, o missionário tem mais tempo para iniciar seu envolvimento com alguns ministérios de nossa organização ou de outras também a depender de cada contexto. Entretanto, a tônica continua sendo o dedicar-se ao aprendizado do idioma e cultura. Normalmente nessa fase o principiante continua seus estudos de idioma e observações culturais e nem a missão, nem liderança local exigem que ele se envolva em algum tipo de trabalho, mas que se dedique nestas duas áreas já mencionadas. Essa atitude é muito importante, pois não se exige do missionário um envolvimento para o qual ele ainda não está totalmente preparado. O profissional pode ser tentado a se envolver em atividades de modo precipitado, fator que prejudicará o aprendizado da língua em alguns casos.

Em minha experiência pessoal cometi esse erro. Iniciamos o COT em abril e nos mês de setembro, já no pós COT, começamos a consultar e assumir determinadas res-

responsabilidades no trabalho da missão no país. Fazendo uma avaliação, vejo que foi muito precoce e não deveria ter me envolvido tanto naquela época. Certos erros e problemas que passei, bem como conflitos, um cansaço precoce e o fato de não poder avançar no idioma como desejara, poderiam ter sido amenizados ou evitados se tivesse sido mais sábio ao assumir responsabilidades.

Por outro lado, vejo que essa segunda etapa do missionário, em que já aprendeu o básico da cultura e idioma, quando ele cronologicamente já começa a entrar no seu segundo ano e sente-se mais seguro no país e já maneja melhor o idioma, é uma etapa muito delicada. Se neste período o missionário não for bem orientado, pode ficar um pouco “preguiçoso”, por não estar envolvido em nada diretamente, ou até mesmo intencionalmente, com medo da cultura e por não saber falar como convém, pode buscar se esconder, não participando em nenhuma atividade. Essa atitude pode fazê-lo passar longos tempos em casa, por vezes enfermo com somatizações ou até mesmo em estado de depressão. É preciso um equilíbrio entre o “se envolver precocemente” e o “não se envolver com nada”.

No caso particular dos profissionais missionários, alguns aspectos devem ser considerados. Devemos pensar e buscar modos de nesta segunda fase de seu treinamento fazer com que ele possa tanto envolver-se na sua área de trabalho como manter um bom nível de estudo do idioma, que deve continuar sendo a prioridade. Uma boa maneira de promover isto seria fazer com que o iniciante participe de

estágios em sua área de trabalho. Dessa maneira, ele poderá praticar sua profissão, ter contato com os nacionais que tem a mesma formação, perceber como desenvolvem a sua profissão no país, escutar e falar o idioma local (aprendendo os termos técnicos de sua área na língua nativa) e estabelecer relacionamentos e contatos. O missionário aproveitará melhor o tempo para aprender, pelo fato de não ser ele o responsável direto pelo trabalho. Este é um ponto crítico também. Creio que o iniciante não deve assumir grandes responsabilidades, como dirigir ou iniciar um projeto antes dos dois primeiros anos de estudo. Porém, ao mesmo tempo não pode estar totalmente solto, fazendo o que desejar, sem se envolver em sua profissão. Há uma linha muito tênue entre estes dois lados, o que dificulta um posicionamento equilibrado. De um lado o missionário pode se envolver precocemente no trabalho, assumindo responsabilidades e, em alguns casos, utilizá-lo como desculpa para não aprender o idioma como se deveria, deixando o estudo em segundo plano. Por outro lado, o iniciante pode envolver-se tão pouco com o trabalho, que depois terá dificuldades para recomeçar. O fato de não estar com todo o tempo tomado por consultas ou outras atividades profissionais não quer dizer que a pessoa aproveitará este tempo para o estudo da língua. É neste momento que o missionário pode sentir bastante desânimo, por estar num estado meio mórbido, em que percebe que as coisas ainda não se encaixam bem. Ele necessita aprender a língua local e ao

mesmo tempo sente necessidade de exercer sua profissão. É um dilema, uma batalha dentro da mente e coração.

Certa vez, conversando com um missionário que trabalhou durante muitos anos na Rede Globo do Brasil e que se transferiu para a Espanha, com o intuito de trabalhar em uma rede evangélica, ele me compartilhava acerca de suas dificuldades de adaptação no campo. Um dos fatores que ressaltou durante a nossa conversa foi a saudade que sentia do local de trabalho no Brasil. O fato de não ter o mesmo ambiente de trabalho do Brasil o desanimava e em alguns momentos causava até mesmo frustração.

Outro missionário, que trabalha na área de saúde, contando sua experiência de adaptação ao campo, dizia que muitas vezes sentia-se mal, pois no Brasil trabalhava em pleno tempo, de manhã até a tarde, depois ao chegar no campo tinha a impressão de que não estava fazendo nada, porque não tinha a oportunidade de exercer sua profissão como desejava.

Há uma espécie de saudade do ambiente de trabalho que envolve o coração e pensamento do profissional missionário, o que é algo muito natural. Lembrei-me, muitas vezes, dos corredores e salas dos hospitais em que trabalhei no Brasil, dos antigos colegas de plantão, dos pacientes que tratei, de certos tipos de procedimentos que realizava e que agora, no campo, não os faço mais. Essa fase que o missionário passa deve ser levada em consideração. É nesse período de adaptação, quando o profissional começa a se encaixar no contexto do novo país, é que ele sente muita

falta de seu antigo trabalho e das coisas que fazia por lá. Nessa hora começam os questionamentos sobre o que se está fazendo no campo e se de verdade pode-se ser útil na Obra do Senhor. O desânimo e até mesmo a depressão podem atingir o obreiro nesta fase, que é muito perigosa e não pode passar despercebida pela liderança local. Durante esse período ele necessita de apoio, aconselhamento e oração. Contudo, creio que se houver um envolvimento orientado do missionário com sua área de formação no novo país, este momento de crise pode ser amenizado.

A missionária Renata, fisioterapeuta, obreira da Missão Avante, teve uma excelente adaptação. Ela se dedicou integralmente ao COT e, durante os dois primeiros anos, o que inclui seu segundo período, procurou não assumir grandes responsabilidades quanto ao trabalho da missão. Preocupou-se em realizar um estágio em um hospital público, mantendo um estudo aplicado e regular da língua nativa. Essa atitude contribuiu para a prática do idioma, desenvolvimento de amizades, permitiu a prática da fisioterapia em um contexto nacional resultando numa boa adaptação ao país.

Portanto, acredito ser importante que o missionário dedique tempo, primando pelo estudo do idioma nos dois primeiros anos. Nesta etapa ele necessita de uma mistura de estudo de idioma, contato com a população e cultura e envolvimento gradativo em sua área de trabalho, sendo orientado e acompanhado por missionários mais experientes, entre os quais esteja um profissional. Não existe “recei-

ta de bolo” nessa questão, cada contexto exigirá sabedoria, flexibilidade e adaptações, porém de maneira geral creio serem estes bons princípios a seguir.

Gostaria de terminar esta parte repetindo uma frase que este profissional que vive na Espanha me disse durante nossa conversa: “Só um profissional missionário pode entender certas inquietudes de outro profissional missionário”.

CAPÍTULO 3

Exercendo a profissão no campo

ENTENDENDO QUE O MISSIONÁRIO já passou pelo seu período inicial de adaptação, ou seja, no mínimo um ano de campo, começa então uma busca mais objetiva de como exercer a profissão no campo missionário. Geralmente, as oportunidades que nos apresentam são muito grandes; principalmente em se tratando de países em vias de desenvolvimento. Maior que as oportunidades são as necessidades que parecem bater e até mesmo “gritar a nossa porta”. Necessidades da população com a qual se está trabalhando, necessidades da equipe missionária e dos projetos que a missão desenvolve no país. Neste momento a soma dessas necessidades e oportunidades, podem nos influenciar na escolha deste ou daquele tipo de trabalho.

Essa é uma decisão muito difícil de se tomar. Princi-

palmente por termos um conhecimento superficial do país, da cultura e mesmo da equipe e dos trabalhos da missão no país. Esses fatores não permitem ao recém chegado discernir com clareza qual área específica ele vai se envolver e como vai desenvolver sua profissão no país.

Impulsionado pelas necessidades, seduzido pelas oportunidades e movido pelo desejo de trabalhar, o novato pode tomar uma decisão precipitada ao optar pelo envolvimento em determinado projeto. Os líderes locais e colegas por vezes podem pensar que o bom missionário é aquele que chega e logo se oferece e se envolve no trabalho assumindo responsabilidades. Esse é o pensamento normal de grande parte dos que estão no campo. De um lado, é também o que desejam ver a igreja e mantenedores do missionário. Anseia-se por receber cartas, relatórios, fotos do trabalho, informações, realizações.

Em minha experiência pessoal, cumpri o COT normalmente, e apenas seis meses após chegar ao campo já estava consultando na comunidade e assumindo certas responsabilidades no trabalho. Envolvi-me em algumas atividades, como por exemplo, a consulta de adultos e em outras áreas, que com a visão e experiência que tenho hoje e como especialista em pediatria, não o teria feito se tivesse oportunidade de recomeçar. Não culpo nenhum líder pelas decisões precipitadas que tomei, nem pelas falhas que cometi neste sentido, mas culpo somente a minha falta de experiência e maturidade. Quero dizer que no começo, o missionário pode se envolver em atividades que não lhe cabem fazer. E

o que vejo como pior, pode iniciar projetos novos na missão, nos quais será mais difícil de fazer alterações ou até mesmo concluí-los no futuro, se for necessário.

Penso que os dois primeiros anos não são um bom momento para que o missionário tome decisões importantes quanto ao seu envolvimento como profissional e muito menos recomendável que inicie novos projetos no país. Seria interessante que este procurasse, como já disse anteriormente, se envolver em sua área de trabalho, tendo a oportunidade de exercê-la por um tempo, seja em trabalhos que pertençam à missão e/ou ministérios desenvolvidos por outras organizações ou até mesmo entidades públicas. Optar por um envolvimento gradativo, que leve o obreiro a conhecer a realidade local e baseada nela fazer uma opção consciente de ministério pode ser uma atitude muito mais benéfica, sábia e produtiva, além de diminuir ou evitar choques e decepções.

Em meu ponto de vista, o envolvimento do missionário em novos projetos, com os quais a missão ainda não esteja trabalhando no país, seria recomendável a partir do seu retorno, após seu primeiro período de licença, período que varia de acordo com cada organização, mas geralmente é de três anos. Isto porque muitos fatores vão ser definidos após esse período, inclusive o próprio retorno do missionário ao campo. Iniciar um novo projeto antes disso seria arriscado, por ocasionar uma eventual sobrecarga de trabalho na liderança e equipe local. Esta pode se sentir constrangida em manter a atividade começada em benefi-

cio da população alvo, caso o missionário que iniciou o dito projeto tenha que deixar o país por uma razão especial ou não retorne por outros motivos ao campo.

É Geralmente após os três primeiros anos que o missionário vai realmente confirmar se retorna ao campo. Retornando definirá se continua ou não com a missão com a qual trabalhava e, algumas vezes, essa decisão pode ser influenciada por seus líderes no país de origem. São uma série de incertezas que tornam pouco prudente o início de novo projeto nos três primeiros anos de campo. Entretanto, creio que o missionário pode estudar, avaliar, escrever e até mesmo a título de ensaio realizar um projeto piloto, com o intuito de avaliar os planos que estão sendo propostos por ele ou pela missão.

Outro fator importante no momento de decidir como se vai exercer a profissão no campo é saber se o trabalho (no que tange o exercício da profissão) será realizado diretamente com a missão, ou ligado a uma outra estrutura, seja por meio de uma parceria, contrato de trabalho ou outra maneira. É natural que na chegada de um profissional na equipe, todos pensem que este vai exercer sua profissão em um projeto ligado à missão, abrindo um novo ministério na base de trabalho. Esta expectativa pode ser frustrada algumas vezes. Com certeza muitos vão chegar ao país com o desejo de trabalhar em um centro dirigido pela missão e diretamente em prol da mesma, entretanto outros podem discernir que o melhor seria trabalhar em parceria com uma outra missão, ou prestar serviço em outra estrutura

como voluntário num hospital público, por exemplo. A pessoa pode ainda fazer a opção de não exercer a profissão no país e dedicar-se exclusivamente a evangelização e plantação de igrejas.

Em meu caso, desde o princípio estava decidido, com apoio da missão, a levantar uma estrutura sanitária, onde pudesse trabalhar com outros profissionais que futuramente viessem colaborar. Essa clínica serviria de apoio para a missão, como ferramenta evangelística. Minha opção foi utilizar meus talentos e habilidades para o desenvolvimento de um ministério na área de saúde em ligação total com a missão PMI.

Outro exemplo é o trabalho desenvolvido pelo doutor Humberto Chagas (ortopedista e missionário pela JMM), que desde sua chegada no campo tem exercido um excelente ministério, trabalhando como médico voluntário em um hospital público da capital e em outras duas clínicas missionárias que não pertencem à sua missão enviada. Além disso, está desenvolvendo um projeto próprio, o qual está em fase de estruturação, chamado “Fábrica de Esperança”.

Isso mostra que as formas de envolvimento podem ser as mais distintas, desde que haja respeito e consideração pelos princípios da missão com que se trabalha e não se perca o objetivo maior de estar no campo: Anunciar as Boas Novas do Evangelho.

Quais seriam, então, os fatores que influenciam na tomada de decisão quanto ao local de trabalho? Acredito que o fator básico é se a missão tem ou não condições de absor-

ver o profissional a fim de que ele exerça plenamente sua profissão. Caso não apresente os meios necessários, se buscará promover ou não, num futuro próximo, as condições para tal. Para mim este é um fator primordial a ser observado e analisado pelo profissional missionário quando chega no campo, o qual levanta vários questionamentos: “Será que a missão se interessa em desenvolver um projeto na sua área de formação? Eles vão buscar os recursos necessários para seu desenvolvimento?” Essas são algumas das várias questões que influenciam na sua decisão de trabalhar diretamente com a organização da qual faz parte.

No que tange à missão, a resposta a tais questionamentos precisa ser bem honesta e realista. Quando o departamento que recruta o profissional percebe que, nos próximos anos, não terá meios de ajudar o missionário a desenvolver seu projeto, é importante ser coerente e dizer “não podemos iniciar algo na sua área” e não criar expectativas pelo simples desejo de ter o profissional na organização, com a mentalidade de “vamos ver o que vai se passar depois”. Esse fator é algo sério, que necessita ser bem tratado antes da chegada do missionário ao campo, evitando, assim, desentendimentos, decepções e até mesmo baixas na equipe.

Resumindo, algumas atitudes são, portanto, importantes para o bom desempenho do missionário: Primeiro, que no começo, ele se envolva gradativamente em sua área, não esquecendo que os dois primeiros anos devem ser dedicados ao estudo do idioma. Depois deste período,

comece a se engajar mais seriamente em algum tipo de ministério e por fim, que a abertura de novas frentes de trabalho aconteça após uma permanência mínima de três anos no campo, tendo retornado de seu período de licença. Além disso, o missionário precisa, junto com a liderança da missão, avaliar seriamente quais são as reais possibilidades de exercer sua profissão no campo.

CAPÍTULO 4

Desenvolvimento e gestão de projetos

O DESENVOLVIMENTO E GESTÃO do projeto constituem a fase seguinte desta análise. Tendo já tomada a decisão de que se vai trabalhar em um projeto ligado à missão, inicia-se a caminhada para sua elaboração, aprovação, busca de recursos e execução. Gostaria aqui de relembrar uma posição pessoal, já citada anteriormente, de que o missionário deve, preferencialmente, iniciar um novo projeto a partir do segundo período no campo, mas não há problemas que trabalhe na sua elaboração a partir do segundo ano de campo.

Evitando frustrações e desentendimentos

Um outro fator importante no desenvolvimento de projetos é o fato de que a missão e seu departamento de projetos

sejam realistas quanto ao interesse e às possibilidades de realização do dito projeto. Se a Agência Missionária criar expectativas quanto ao desenvolvimento de projetos na área profissional do missionário e este, depois de um certo período, constatar que boa parte do que havia sido programado não pôde ser executado por diversas razões, fica difícil controlar a frustração e esse pode ser o motivo do retorno precoce do obreiro ao seu país de origem. Por essa razão penso que, ao aceitar um profissional, deve-se verificar se este deseja desenvolver sua profissão no país e como deseja fazê-lo, seja com a missão ou outro organismo. Deve-se analisar sua proposta de trabalho, se é factível ou irreal. Baseado nisto, averiguar se a agência missionária tem ou não condições de apoiá-lo, oferecendo os recursos necessários. Caso não os tenha, definir claramente como iria buscá-los, dando uma perspectiva ao missionário. Se a Agência não tiver as condições necessárias o interessante seria estudar um meio de envolvê-lo no país em outra organização, por intermédio de eventuais parcerias, a fim de que este possa exercer sua profissão. Numa última hipótese, mas que deve ser considerada, dizer ao candidato que no momento a missão não conta com recursos para recebê-lo. Creio que o pensamento de: “manda a pessoa vir e depois veremos o que vamos fazer”, não pode guiar essas decisões e contatos com candidatos ao campo, pois essa atitude pode ser mais prejudicial do que benéfica. Um profissional que deixa seu trabalho no país natal para se instalar em outro, com a finalidade de desenvolver sua profissão

para o avanço do Evangelho, prefere e espera posições e informações mais concretas e realistas quanto ao seu futuro.

Por essa razão, penso que cada organização que pensa trabalhar seriamente com profissionais, deva estruturar um bom departamento de projetos, com capacidade de buscar recursos para a implementação e execução dos mesmos. Todas as organizações missionárias têm objetivos de crescer como missão, em ministérios, em número de países alcançados, etnias atingidas e obter maior número de obreiros. Tudo isto é muito bom e louvável, porém esse pensamento deve ser acompanhado de um bom planejamento e estruturação para o desenvolvimento de projetos, oferecendo recursos aos missionários que trabalham como profissionais nos campos. Estes projetos sociais ou profissionais, em muitos contextos, são praticamente a única porta de entrada nas comunidades, proporcionando bons relacionamentos com os nativos e não poucas vezes mantendo a estrutura legal da organização missionária dentro do país.

O mais importante é formar outros

No que tange ao desenvolvimento de projetos gostaria de compartilhar um pouco da experiência que tive nestes anos de trabalho com a missão no campo.

Desde que eu e minha família chegamos pela primeira vez em Granada e apresentamos nossos planos de trabalho para o campo, fomos bem recebidos e estimulados pelos lí-

deres da missão e vimos que a organização estava interessada em um trabalho na área médica. Quando iniciei meu envolvimento no projeto de saúde no país, recebi bastante apoio por parte da liderança, inclusive da parte do líder local de país. Nós, como missão, conseguimos obter os recursos necessários para iniciar os trabalhos e aumentar as áreas de atendimento em saúde. Hoje contamos com um trabalho bem maior do que quando iniciamos. No começo éramos apenas um projeto de nutrição infantil, em que se distribuía leite e um cereal local para crianças de baixo peso, entre zero e cinco anos. Atualmente, pela graça do Senhor, temos uma clínica na comunidade, onde funciona uma farmácia comunitária, enfermagem, um laboratório de análises clínicas, um programa de nutrição infantil. Além desse trabalho, desenvolvemos, ainda, um projeto de consultas nas aldeias, sendo que em uma delas chegamos a construir um centro social. No total são cerca de mil pessoas beneficiadas diretamente a cada mês, recebendo um tratamento de qualidade, apoio emocional, espiritual, orações e o testemunho da Palavra. Tudo isto pôde ser realizado com o apoio de outros colegas missionários que trabalham conosco. Nesse tempo pude aprender coisas, errar e acertar. Baseado nessas vivências é que passo a descrever alguns pensamentos quanto ao desenvolvimento e gestão de projetos. Geralmente, quando iniciamos um projeto, trazemos muito do nosso modo estrangeiro de pensar e fazer. Por estarmos vivendo num contexto completamente diferente ao de nossas origens, muitas de nossas estratégi-

as e planos de trabalho podem não funcionar bem. Penso que desde a elaboração do projeto, e principalmente a partir de sua execução, deve-se tentar ao máximo obter a participação ativa de crentes nacionais. É verdade que muitas vezes não os temos no início do trabalho, porém, aparecendo a oportunidade de ter nacionais ao nosso lado, devemos envolvê-los o mais cedo possível. Isto faz com que o projeto se inicie mais adaptado culturalmente e permite uma melhor transição de responsabilidades e liderança no futuro. Como exemplo, cito a doutora Patrícia, uma pediatra francesa que trabalhou com a JOCUM algum tempo. Ela escreveu uma monografia acerca do trabalho médico em sua missão. Um dos temas que menciona é a dificuldade atual que a missão encontra no país para efetuar a transição de liderança no projeto de saúde. Ela explica que o projeto médico social conta com grande número de nacionais treinados e que exercem diversas funções, porém a grande dificuldade é fazer com que esses nacionais liderem e gerenciem um sistema que foi criado e implementado à maneira estrangeira. Advoga, ainda, a necessidade da participação nacional o mais precoce possível, e que estes possam também ajudar na criação e execução dos projetos.

Neste momento cabe uma pergunta: “Será que se estamos realmente dispostos a deixar que nacionais assumam os cargos, autoridade, posição de liderança e responsabilidades, incluindo a gestão de finanças?” Esse último, por sinal, parece ser o ponto mais crítico às vezes. Se a resposta é não, penso que o melhor é nem começar um

projeto. Pois será cansaço, gasto e desperdício por muito pouco.

O missionário precisa ter em mente que não vai poder ficar todo o tempo no campo e que um dia irá regressar ao seu país de origem. Isto parece óbvio, mas na práxis não tanto. “Como ficará o projeto em que trabalhamos por vários anos? Quando regressarmos vamos “apagar as luzes e fechar as portas”, trazendo a chave conosco? Tudo vai acabar quando entrarmos no avião?” Isto seria muito triste! No entanto é o que tem acontecido em não poucos casos. O melhor é ter uma mentalidade já desde o início de formar e instruir nacionais, capacitando-os para assumirem responsabilidades. Quando menciono responsabilidades, refiro-me a responsabilidades de planeamento, administração, liderança e gestão financeira. Isto pode ser um pouco difícil para nós, os latinos, que ainda trazemos uma mentalidade forte de fazer tudo na obra missionária. Pensamos que devemos pregar, discipular, construir a igreja, ensinar e tudo mais, como se o ministério dependesse exclusivamente de nós. E quando voltamos para casa, tudo que construímos durante anos corre o risco de desmoronar. Esquecemos que existe em boa parte dos campos missionários uma igreja nacional presente, que precisa e deseja ser apoiada pelos missionários estrangeiros. Penso que nesse tempo pós-moderno, quando o contexto de missões mudou e bastante, não se pode seguir o que eu chamaria de “Pioneirismo ultrapassado”. Não se está mais na época de Hudson Taylor, os tempos são outros. O pionei-

rismo pode existir apenas em zonas e áreas de trabalho onde se pode ser pioneiro de fato, ou onde não existe nada. Mas se já há algo plantado, uma igreja nacional, creio que os missionários devem ser auxiliares, formadores, apoiando os nacionais que ali habitam.

Não me esqueço da fala de três missionários. Certa vez, compartilhei com um colega missionário sobre nossa visão de formar e capacitar outros para que façam o trabalho na área de saúde, discipliná-los bem para que eles também realizem o ministério de evangelismo e plantação de igreja. Ao terminar de explicar todos os meus planos, enfatizando que estaria, quando muito adiantados, ao lado dos nacionais e, se possível, por detrás deles, apoiando, ele me respondeu: “É boa essa visão, mas o que eu vou fazer então como missionário?” Esse é um exemplo claro da visão de que o missionário estrangeiro é o “protagonista de missões”.

O segundo exemplo foi Dr. Stephen Foster, médico canadense, missionário em Angola, que Deus usou para me chamar ao ministério. Ao conversar com ele, compartilhando que Deus havia usado sua pregação e testemunho para me chamar ao ministério médico missionário, ele me respondeu dizendo: “empenhe-se mais em formar e instruir outros em sua área de formação, do que em consultar centenas de pacientes ao dia, pois formar outros é mais importante e eficaz que consultar pacientes”.

Outra pessoa que influenciou minha visão de ministério foi Anete, uma suíça, enfermeira de JOCUM, que em trinta anos de trabalho percorreu vários países da África.

Em uma conversa informal ela me disse: “Ao iniciar um trabalho na área de saúde, não o construa baseado em você mesmo, dando a impressão ao povo que chegou o grande médico branco que cura melhor que o negro. Mas busque colocar-se atrás do nacional, promova o nacional, ajudando e ensinando-o a melhor fazer o trabalho de saúde. Isto vai garantir o sucesso e durabilidade do seu ministério”. Essas duas últimas falas exemplificam o que as igrejas locais desejam por parte das agências e seus missionários. Caso tenham alguma dúvida quanto a isto, recomendo que visitem algum campo, buscando um contato direto com líderes nacionais.

Tenho experimentado isso em meu trabalho no campo. Estamos, enquanto missão, investindo na formação e capacitação de alguns nacionais em domínios diferentes da saúde, na formação bíblica e no discipulado. É interessante constatar que quando comecei meu projeto no ano 2000, trabalhávamos na proporção de um trabalhador nacional para três missionários, a realidade atual é de um estrangeiro para cada quatro nacionais. Houve uma inversão nítida da relação, graças a um trabalho árduo e intencional de formação e transferência de responsabilidades.

Talvez, o exemplo mais bonito seria a farmácia de nosso projeto. Ricardo Hernandez, um missionário de Guatemala, fiel amigo e companheiro, foi quem começou essa iniciativa conosco. Ele organizou, estruturou e trabalhou por cerca de quatro anos nessa farmácia, além de , ao mes-

mo tempo, formar um cidadão nacional crente, que é hoje o responsável pela gestão da farmácia. É interessante ver que a população beneficiada diz que ele, o nacional, aprendeu tão bem o ofício, que é tão ou mais eficiente que quem o treinou.

Outro exemplo é nossa enfermeira atual, responsável por grande parte do atendimento. Durante muitos anos ela foi uma auxiliar sem nenhuma formação. Já faz um bom tempo que a enviamos a um curso de enfermagem e hoje trabalha com um grau de conhecimento maior, sendo um dos pilares do nosso trabalho. Esse tipo de investimento continua, este ano devemos enviar mais uma pessoa para formação na área de enfermagem. Poderia citar outros exemplos, mas não quero cansar os que lêem.

Termino dizendo que a formação de nacionais é fundamental para continuidade a longo prazo dos projetos.

Assistência ou desenvolvimento

Quanto aos recursos para fazer caminhar o projeto contamos basicamente com duas fontes de renda. Entradas do exterior, que são as doações de organizações parceiras e as internas, provenientes dos próprios usuários do projeto, que pagam pela utilização dos serviços prestados. Infelizmente percebo que temos experimentado uma crise financeira mundial, que se reflete nas doações para obras sociais, causando uma queda nas ofertas que temos recebido. Além deste fator há uma mudança na mentalidade dos grandes doadores, que visam muito mais apoiar iniciativas

desenvolvidas por nacionais ou por estrangeiros que trabalham na capacitação de nacionais.

Em nosso trabalho local ainda temos uma dependência muito grande do exterior (cerca de 50%), provocada principalmente pelo aluguel do local onde fazemos os atendimentos. A aquisição de um local próprio tornaria o projeto praticamente auto-sustentável.

É uma benção poder contar com o apoio de irmãos e organizações que nos financiam, porém sabemos que esta ajuda não pode e não será eterna. Os projetos têm que ser trabalhados de tal modo que gradativamente possam ir diminuindo sua dependência do exterior, visando ao bom andamento e a sua continuidade a longo prazo.

Há a necessidade de mudança na dinâmica de busca e utilização de recursos. Se o desejo é plantar projetos que durem anos, não se pode trabalhar com uma mentalidade assistencialista, em que “bondosos missionários” buscam doações no exterior para ajudar “aos pobrezinhos da África”. Na realidade o povo que temos visto não é tão pobrezinho assim e pode pagar algo pelo serviço prestado. O ciclo vicioso, alimentado pelo pensamento de que o missionário estrangeiro tem a obrigação de ajudar os pobres e por outro lado, o pobre está esperando que o missionário o ajude em tudo, precisa ser quebrado. Esse pensamento causa a ilusão de que os missionários ajudam a população e esta pensa que esta sendo ajudada. Todavia, para promover o desenvolvimento entre um povo não basta apenas ajudar, é preciso saber como ajudar, senão corremos o risco de cau-

sar mais prejuízo, a longo termo, que auxílio. É preciso promover ação social e não realizar somente assistência social.

Não podemos utilizar todos os recursos que recebemos do exterior para cobrir gastos com empregados, aluguel e outras despesas mensais. O melhor seria utilizar este dinheiro para investimento e não tanto na manutenção, investindo na melhoria dos projetos e na aquisição de um local próprio e equipamentos e com a renda que o projeto gera localmente cobrir os gastos mensais fixos. Utilizar a maior parte dos recursos estrangeiros para pagar despesas mensais com empregados e outros gastos de manutenção pode se tornar um “saco furado” e no dia que o furo aumentar todos caem por ele.

É interessante pensar na experiência positiva do Centro Médico Social da JOCUM. Eles, ao iniciarem o trabalho, se preocuparam em ter um local próprio e equipá-lo. Com essas despesas pagas, passaram a cobrir os seus gastos mensais com empregados e demais despesas utilizando os pagamentos dos pacientes pelo serviço prestado, sua principal fonte de sustento. Além disso, desde que começaram suas atividades, na década de noventa, formaram muitos nacionais e são uma referência em projeto missionário de saúde no país.

Esse exemplo mostra que podemos desenvolver projetos que ajudem a população, prestando serviços de qualidade, oferecendo emprego e formação aos crentes locais, em que a população beneficiada paga pelos serviços recebi-

dos, cujos preços são acessíveis em comparação a outras estruturas do país.

Liderança do projeto

Um outro aspecto que desejo abordar é a maneira pela qual o projeto é supervisionado e liderado no campo. Entendo que cada organização missionária não funciona da mesma maneira. Minhas colocações aqui são baseadas no modelo mais comum, que é também o de PM, em que a missão designa ou elege um líder local, chamado líder de equipe, que tem sob sua responsabilidade os missionários que trabalham no grupo e seus ministérios. Esse líder deve prestar contas do andamento dos trabalhos aos níveis superiores de liderança dentro da organização.

Confesso que, para mim, esse foi um ponto de conflito e incompreensão durante o primeiro período no campo. De um lado o profissional, que ao chegar a uma missão para trabalhar pode estranhar os sistema de liderança e gerenciamento, os quais são diferentes de seu ambiente de trabalho anterior. Por outro lado, tanto a missão quanto a equipe podem não estar acostumadas a liderar profissionais e os projetos que são levados por eles. Creio que em meu caso houve falta de experiência de ambas as partes, por se tratar de um projeto pioneiro na área de saúde.

Sabemos que o projeto, seja qual for, faz parte de um todo, que é a equipe. Ele não tem um fim em si mesmo e deve estar debaixo da supervisão da equipe e líder local, visando o benefício de toda missão e seu alvo principal, que é

a plantação de igrejas. Estou ciente de que deve existir uma hierarquia na liderança dos trabalhos que esta faça a coordenação das atividades. Deve haver uma interação positiva entre a equipe missionária e os projetos, porém é fundamental saber até que ponto a equipe e o seu líder podem interferir nas decisões, planos e atividades do projeto. Um exemplo disso se relaciona a certas questões práticas do projeto, como compra de medicamentos, ou maneira pela qual se vai realizar o atendimento na aldeia, ou quem vai consultar no Centro médico. Não cabe a toda equipe decidir sobre essas questões, as quais não necessitam de uma interferência do líder de equipe. Entretanto, devem estar sob a supervisão do responsável direto pelo projeto e de seus auxiliares, os quais devem prestar contas ao líder de equipe, como o coordenador geral das atividades. Para que esse tipo de administração se produza é preciso construí-la sob a base da delegação de autoridade e funções. É necessário descentralizar a autoridade e o poder de decisão, o que permitirá que cada dirigente de projeto tenha verdadeiramente a responsabilidade e o estímulo necessários para liderar, fazendo com que certos trabalhos no projeto possam fluir com mais facilidade. Delegar faz com que aquele que participa do projeto assuma uma maior responsabilidade e se sinta como parte integrante do mesmo e se sinta motivado a participar ativamente, por não se ver como alguém que apenas executa as idéias de outro. Trabalhar tendo responsabilidades, mas sem autoridade é uma situação incômoda.

Ainda a respeito de liderança de projeto, vejo que seria importante pensar no processo de escolha do seu líder e quanto tempo este deve permanecer no cargo. Penso ser interessante haver um processo democrático de eleição, um líder escolhido pela equipe de trabalho terá mais facilidades para conduzir o grupo do que um líder indicado ou imposto. Por outro lado, esta liderança deve ter um tempo limitado, estabelecendo-se um mandato de dois ou três anos. Buscar a renovação de liderança é importante e traz novo fôlego e nova visão em alguns momentos. O que penso ser mais importante ainda é a formação e preparação de um líder africano local, que no futuro possa assumir a responsabilidade de chefiar os trabalhos. Contudo que esse líder precisa seguir o exemplo da democracia e mudança de liderança, haja visto a tendência natural africana de ter líderes “até que a morte nos separe”, devido ao contexto tribal. Tenho visto que, como equipe no campo, estamos amadurecendo nessas questões de liderança de projetos, mas ainda temos que dar passos adiante.

CAPÍTULO 5

Profissionalismo x Amadorismo

NO CONTEXTO do país sabe-se que existem muitas ONGs que executam os mais diferentes tipos de auxílio à população. Muitos trabalham desenvolvendo projetos na área de saúde similares ao nosso. Se olharmos do ponto de vista do trabalho e das atividades que exercemos, estamos em meio à uma concorrência com outras clínicas benevolentes que existem no país. Analisando a situação com mais profundidade, vemos que existem muitos outros projetos de saúde que trabalham da mesma forma que nós, e até mesmo outros que fazem um trabalho superior em qualidade de serviços à comunidade. Por essa razão me pergunto no que nos diferenciamos dos outros projetos de saúde que pertencem a outras organizações. Refletindo por esse prisma, creio que temos que buscar fazer um trabalho

que procure ser melhor e especializado, tendo como padrão um atendimento de qualidade.

Creio que neste aspecto podemos encontrar um problema quando se desenvolve um projeto baseado no trabalho de voluntários e de missionários. De modo geral, como missionários não temos, às vezes, a idéia de quão importante é sermos profissionais em determinados momentos do nosso ministério. Quando contamos com voluntários, por vezes falta o compromisso e dedicação necessários. Em se tratando de missionários, nós como latinos tendemos a ser mais preguiçosos, e não entendemos as vezes que trabalho é trabalho, mesmo que seja dentro de uma missão ou igreja. É muito duro cobrar responsabilidade de um missionário, quanto ao trabalho no projeto, pois este crê que não deve dar satisfação a ninguém, senão ao líder de equipe ou à sua igreja, ou missão. Pensamos que como é para o Senhor, ou para a igreja, e para ajudar os pobres, o importante é fazer algo, e não importando muito o modo como se vai executar. É preciso mais responsabilidade e compromisso com o trabalho, mesmo sendo um projeto da missão; mesmo que sejamos liderados por um colega missionário.

Sendo guiados por esta filosofia de “ajudar a qualquer custo”, corremos o risco de fazer as coisas sem grandes preocupações com a qualidade do serviço prestado ao povo. E isto pode nos levar a iniciar projetos em áreas que não temos experiência e dar funções e responsabilidades a pessoas não treinadas na área ou não qualificadas. No final, o

que parecia ser uma ajuda, pode se tornar prejudicial às pessoas atendidas.

Gostaria de contar uma experiência pessoal. Desde que comecei o trabalho no campo, ao iniciar o atendimento médico trabalhava a princípio com crianças, mas vendo a grande necessidade comecei a atender adultos e idosos. Foi positivo o aspecto de ter contato com uma faixa etária de pacientes que havia deixado de atender desde que terminei a faculdade de medicina. Entretanto, para mim, foi frustrante, em alguns momentos, não poder atendê-los do modo como desejara, devido ao fato de ter feito especialização em pediatria. Gostaria de ir um pouco mais longe no tratamento dessas pessoas, porém me sentia limitado. Alguns podem pensar: “mas você não é médico?” Na verdade a área em que sinto mais satisfação e domínio, em que estou melhor preparado para oferecer um atendimento de qualidade é a de pediatria. Chego a pensar que nunca deveria ter começado a atender adultos no campo, mas creio que tudo teve um propósito e utilidade no princípio dos trabalhos na comunidade. Felizmente agora já contamos com ajuda de outros colegas que podem fazer consulta geral, posso, por isso, me dedicar mais integralmente à pediatria. Acho ser um desperdício não usar toda a formação e experiência que obtive no Brasil para realizar um bom trabalho com crianças, sobretudo num país onde mais de 50% da população tem idade inferior a quinze anos.

Antes de se começar um projeto há a necessidade de se fazer algumas perguntas e respondê-las com sinceridade,

decidindo se tal plano deve ou não ser iniciado: “Será que o que desejamos fazer é realmente uma necessidade e anseio da população? Temos os recursos necessários para trabalhar com eficiência? Contamos com pessoas qualificadas e treinadas para alcançar as metas? Se não as temos, estaríamos dispostos a investir na sua formação? Estamos interessados em fazer um trabalho de qualidade? Temos como objetivo impactar a sociedade com nosso trabalho? Nossa intenção ao abrir um projeto é de apenas fazer algum tipo de trabalho que justifique nossa presença na cidade?”

A qualidade de nosso trabalho está diretamente relacionada com o testemunho. Um médico que não cuida bem de seus pacientes, e não goza de boa reputação no bairro, como profissional, certamente não transmitirá um bom testemunho do Evangelho. Lembro novamente de outra fala do Dr. Foster que me marcou na época estava no segundo ano da faculdade. Ele me disse: “se você deseja se dedicar à obra missionária, estude muito e busque ser o melhor médico, para que possa dar um bom testemunho no campo, pois estes países necessitam de profissionais que se destaquem em relação aos outros”.

Ao revisarmos as biografias missionárias podemos constatar que grande número de missionários não apenas evangelizaram, mas causaram mudanças importantes nas localidades por onde passaram, criando escolas e hospitais de nível elevado, realizando descobertas científicas, deixando uma marca indelével no campo onde viveram. Devemos ter esta visão de sermos bons profissionais, que se

destacam pela qualidade de nosso trabalho, bem como no trato com as pessoas. Muitas vezes escutam os testemunhos de pessoas que vêm ao nosso projeto e dizem: “nunca fomos tão bem tratados em outro lugar como pela equipe que aqui trabalha”. Porém não basta apenas ser gentil com as pessoas, dar atenção a cada um, é preciso mais que isso. É necessário fazer um diagnóstico correto, receitar bons medicamentos e ser eficiente no trabalho.

Outro aspecto que experimentei no projeto de saúde, foi a falta de recursos em algumas situações e momentos no trabalho. Por vezes, a falta de algumas condições mínimas limitaram o avanço do trabalho e até mesmo impediram a realização de atividades básicas. Um exemplo disto é o consultório para a aldeia. Temos uma equipe que se mobiliza para atender semanalmente uma aldeia não muito longe da capital. Iniciamos este trabalho no ano dois mil e um. Durante muitos anos passamos por uma grande dificuldade de locomoção por não termos um veículo que nos permitisse ir à aldeia com regularidade, sendo fiéis aos compromissos assumidos com os pacientes. Panes mecânicas muitas vezes provocavam quebra da rotina de atendimento, era difícil prescrever determinado remédio que necessitava controle semanal e não poder rever o paciente por falta de um veículo ou outros recursos. Durante praticamente cinco anos estivemos consultando ao ar livre, debaixo de uma árvore, sem oferecer a devida privacidade aos pacientes.

Entendo que em organizações missionárias deve-se

ter flexibilidade e paciência, pois não se consegue os recursos com tanta facilidade. Sei também que o profissional tem que vir consciente de que vai encontrar dificuldades e limitações, que não terá as mesmas condições que tinha em seu ambiente anterior de trabalho. Contudo, percebo que esses diversos fatores, primeiramente, desencorajam o profissional que está no projeto e, em segundo lugar, causam descrédito entre a população assistida, fazendo com que o programa não avance ou até mesmo regreda. Além disso, é arriscado trabalhar desta forma, não tendo algumas condições básicas de manter o controle do que se prescreve. Um profissional não pode trabalhar como amador. É fundamental que se tenha as condições mínimas para o trabalho, ou então só resta a alternativa de fechar o projeto. Pode parecer um pouco radical, mas se não for para trabalhar desenvolvendo um bom projeto, que tenha impacto na sociedade, pode ser melhor opção não fazê-lo. Não fazer nada se constitui um problema para a missão, principalmente em países muçulmanos, onde a atividade secular abre portas à evangelização. Somos praticamente obrigados a ter projetos de ajuda humanitária, entretanto essa necessidade pode se tornar um laço, uma armadilha, principalmente se somos motivados a realizar um projeto, apenas para justificar nossa presença na cidade ou país. Esta não pode ser nunca nossa motivação, mesmo que oculta.

Recordo-me que ao visitar pela primeira vez a oficina em Granada, Marcos Amado (ex-presidente de PM) me disse: “Na missão realizamos projetos de ação social não

como pretexto, servimos aos povos por servir, por amor e gratidão a Cristo”. Se trabalharmos nessa visão, estaremos longe de praticar o proselitismo e nossas ações verdadeiras e cheias de amor vão impactar o povo com o qual trabalhamos.

Ainda falando sobre projetos com qualidade, penso que devemos ter como objetivo atingir certos padrões de excelência. Seria bom pensarmos no desenvolvimento de projetos em áreas que não estão sendo tocadas por nenhuma outra organização. O projeto Fábrica de Esperança, dirigido por um médico, é um bom exemplo disso. Ele, como especialista em ortopedia e medicina esportiva, está abrindo um centro especializado nessa área em uma região do país onde a maioria da população não tem acesso a um ortopedista para se consultar.

Penso que temos de buscar um padrão de excelência nos atendimentos a ponto de sermos praticamente indispensáveis para a população local, em que nosso trabalho seja visto como essencial, um ponto de referência para a sociedade. Isto é qualidade e excelência!

Um aspecto importante para se alcançar tal nível na prestação de serviços é investir na capacitação continuada de missionários e nacionais que trabalham no projeto. O profissional, quando deixa seu emprego no país para dedicar-se a uma obra social numa nação pobre, naturalmente está perdendo muitas oportunidades de crescimento em sua carreira. Durante nosso processo de desligamento no Brasil, tivemos que recusar dois excelentes convites. O pri-

meiro para me engajar no serviço de patologia clínica de minha faculdade e ocupar o cargo de professor auxiliar de histologia. O segundo, já há poucos meses de ir ao campo, recebi um convite para iniciarmos uma especialização em UTI pediátrica em São Paulo. Todos foram sonhos que deixamos, bem como grandes oportunidades de se iniciar no meio acadêmico. Quando aceitamos o chamado, estamos cientes das perdas que sofreremos, e faz parte do ser missionário. Logicamente é uma decisão pessoal, em que cada um deve estar ciente do preço a pagar, na certeza de que Deus recompensa no presente e no porvir.

Além das oportunidades perdidas, o missionário pode se desatualizar profissionalmente por não estar em contato com os recursos do seu país e/ou não praticar os mesmos procedimentos e técnicas que rotineiramente fazia no seu trabalho. Onde eu trabalhei em São Paulo, tínhamos muitos recursos técnicos para exercer a medicina e o número de procedimentos médicos especializados que realizávamos era grande a cada semana. Atualmente, no tipo de trabalho ambulatorial que desenvolvo não faço nem a metade do que fazia no Brasil. Se continuar dessa maneira, dentro de alguns anos corro o risco de desaprender certas coisas de minha especialidade. Isto para mim é o pior, pois além de não aproveitar todo o meu potencial, ainda posso, aos poucos, enterrar meus talentos e habilidades. Creio que uma perda natural sempre haverá quando se deixa o país, mas não sendo pessimista, por outro lado, ganho com experiências e vivências que não teria ficando no Brasil.

No que corresponde aos empregados nacionais, estes não devem ficar estagnados no conhecimento, sobretudo se temos planos de transferir-lhes responsabilidades no futuro. Devemos investir na sua capacitação e treinamento, oferecer cursos, promover temas para debates e aulas instrutivas dentro do programa de trabalho. Em nossa clínica, a cada semana temos uma sessão de discussão de casos e temas teóricos em medicina, com o objetivo de aperfeiçoar o conhecimento de todos nossos empregados. Outro aspecto importante é oferecer trabalho e salários dignos aos funcionários nacionais, a fim de que estes possam manter suas famílias e não buscar outro emprego depois que tenham boa experiência no ramo. Quanto aos missionários que são profissionais, seria bom pensar na possibilidade de oferecer-lhes a oportunidade de fazerem cursos de atualização e especialização em seus domínios. E, de uma certa forma, penso que a missão poderia não somente oferecer, mas de uma maneira “cobrar” do profissional que periodicamente se atualize. Passei por essa experiência, depois de haver estado por quase sete anos no campo missionário, fui com minha família passar um ano sabático no Brasil, quando aproveitei para estudar e especializar-me em uma outra área de medicina, no caso em Estratégia Saúde da Família, ferramenta que me permitirá avançar nos trabalhos entre as comunidades africanas.

Creio que essas medidas podem nos ajudar a ter projetos de qualidade e relevantes na sociedade, deixando cada

vez mais de lado o amadorismo para sermos profissionais,
profissionais por Cristo.

CAPÍTULO 6

Missionário médico ou médico missionário?

ALGUÉM PODERIA ME PERGUNTAR, você é um médico missionário ou um missionário médico? Aparentemente a pergunta é estranha e sem sentido, pois se pode pensar que os dois são a mesma coisa e que não há diferença alguma. Quando cheguei ao campo e durante os dois primeiros anos de ministério eu sempre me fazia essa pergunta, buscando reconhecer qual era minha verdadeira identidade e função no trabalho missionário. Esse questionamento gerou uma certa “crise de identidade ministerial”. Muitas vezes me perguntava se o ministério que estava desenvolvendo valia realmente a pena, se consultar vários pacientes toda a semana era também ser missionário. Em alguns momentos pensava que ao consultar estava sendo tudo, menos um obreiro. Além disso, quando cheguei o

ambiente na equipe missionária ainda era fechado ao trabalho social. Embora a missão já desenvolvesse, na época, trabalhos na comunidade, como a escola de costura, não havia uma crença prática de que um trabalho social fazia parte do ministério missionário. Por vezes recebia críticas por estar muito envolvido nas consultas e não dedicar a mesma quantidade de tempo às atividades evangelísticas. Esses comentários aumentavam ainda mais a minha angústia e questionamento interior.

É um sentimento estranho que invadia o meu coração, como profissional, pois ao mesmo tempo em que amava a minha profissão, amava mais ainda o Senhor e a Obra, prova disto é ter deixado todo trabalho no Brasil para vir ao campo. Senti necessidade de trabalhar e desenvolver algo em minha área de formação, mas tudo com o objetivo maior de evangelizar, ajudar a plantar a igreja. A atuação na profissão exige tempo e dedicação, e ser absorvido em grande parte do dia é algo natural e por isso não sobra tanto tempo para realizar o que chamamos de evangelização, então se fica frustrado por ter a idéia de que se está em falta, falta com o grande propósito para o qual foi chamado.

Neste momento eu me pergunto: “o que é evangelizar? Como podemos testemunhar de Jesus? O que é ser testemunha de Jesus no meio de um povo não alcançado? É apenas sair visitando, pregando e distribuindo literatura evangélica?” São questões para uma boa reflexão! Novamente me vem a pergunta à cabeça: “sou médico missionário ou missionário médico?”

Em um dia, quando estava no auge dessa “crise”, fui trabalhar no consultório. Cansado e desanimado, mas fui, orando e pedindo ao Senhor que me mostrasse que o trabalho que faço como médico tinha realmente relevância na obra missionária. Naqueles dias me sentia cansado e desanimado com o trabalho, por sentir que apenas estava sendo utilizado pelas pessoas, as quais buscavam apenas um médico que lhes desse o que precisavam. Confesso que me sentia usado e explorado. Pensei comigo: “melhor voltar ao Brasil, pois lá ao menos eu ganho dinheiro consultando”. Em meio a esses pensamentos, orava durante todo trabalho, e angustiado rogava a Jesus que falasse comigo, mostrando que meu trabalho como médico no campo tinha valor.

Qual foi minha surpresa, quando ao terminar a última consulta, um senhor idoso estava a porta com uma criança me esperando e pediu que a consultasse. Consultei a criança e consegui os remédios que precisava, pois de fato estava muito enferma. Passado mais de trinta minutos este senhor de 67 anos de idade, retornou ao centro e me fazendo entrar no consultório disse: “Eu estava em casa sentado, mas não tive paz no meu coração, estava incomodado no meu interior pelo desejo de vir aqui e te dizer obrigado pelo que você fez pelo meu filho e por tudo que você tem feito nesses anos por minha família.” Ao terminar de falar ele começou a chorar e ensaiou um abraço. Em lágrimas e trêmulo apertou a minha mão e se foi. Confesso que nunca tinha visto um homem africano, muçulmano e idoso chorar

diante de alguém, sobretudo mais jovem como eu. Quando ele deixou minha sala, tranquei a porta e chorei uns cinco minutos sozinho. Pensei: “Jesus ouviu a oração que fiz durante todo o dia e, em pele negra, veio dizer que meu trabalho como médico tinha valor”. Ainda a noite quando cheguei a casa, já aliviado e emocionado, abri minha bíblia e ao meditar e folhear cai num versículo que foi uma resposta e confirmação do que se acabara de passar. O texto é o de Isaias 62:10: “Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aterrai, aterrai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai bandeira aos povos”. Entendi claramente a partir deste dia o que o Senhor esperava da minha profissão no campo. Foi para mim uma palavra de confirmação muito importante no coração. Entendi que meu ministério como médico seria como um trator que vai adiante limpando e preparando a estrada, afim de que outros possam passar, semear e plantar, no presente e no futuro. Não é isto o que disse Paulo? Que um planta, outro rega e Deus dá o crescimento? Porém antes de plantar, alguém necessita ser o arado.

Respondendo, então, à pergunta inicial, me vejo como um “médico missionário”. Como alguém que ama sua profissão, que desenvolve projetos para ajudar os nacionais, alguém que atende os pacientes, e busca atender bem, com cuidado e atenção especiais. Testemunho Jesus no momento em que coloco o estetoscópio no peito de um enfermo, quando escrevo e explico a receita, quando ouço um paciente apresentar suas queixas. Usando a profissão para abrir

portas à evangelização em aldeias onde um evangelista não entraria facilmente. Assim vejo alguém que é médico missionário, uma pessoa que se dedica na sua profissão visando o testemunho da Palavra por meio das boas obras e abertura de portas para evangelização em locais restritos ou fechados.

Alguns podem ter a idéia de que consultar um enfermo não é evangelizar, mas quero dizer que isto também é evangelizar, é evangelizar com a vida e atitudes de amor, como escreveu Tiago: “e eu, com as obras te mostrarei a minha fé” - Tg 2:18.

Creio que também alguns colegas médicos podem preferir ser “missionário médico”, os que, segundo a análise que faço, dedicam mais tempo a evangelização, pregação da palavra e plantação da igreja como trabalho principal, reservando menos tempo ao exercício da medicina. Os dois tipos de trabalho e visão de ministério são válidos e importantes no avanço do Reino. É preciso ter sempre equilíbrio, pois se considerando um “médico missionário” é importante buscar um tempo para o contato com as pessoas, visando ao anúncio direto do Evangelho. Entretanto pode haver alguns colegas que queiram dedicar mais tempo ainda à profissão. Devemos considerar estes casos, principalmente sabendo do benefício que o trabalho médico traz para a evangelização. O trabalho é feito em equipe. Os que não tem formação médica, por exemplo, e que vão para o trabalho evangelístico exclusivo, podem cobrir essa área, aproveitando os contatos e aberturas conquistados pelo

trabalho de saúde. Foi mais ou menos isto que fizeram os apóstolos ao escolher os diáconos, consagrando-os a servir as viúvas e os pobres, enquanto aqueles se dedicavam ao ensino da Palavra.

Penso que nesse aspecto precisamos ser mais abertos e organizados como equipes missionárias nos campos, usando de estratégia e sabedoria para alcançarmos os objetivos na evangelização. É um desperdício ter profissionais qualificados que desejam desenvolver sua profissão em projetos que vão auxiliar a missão em seus objetivos e não o fazem por serem cobrados para que se envolvam de modo igual na evangelização e discipulado, bem como exigir daqueles que querem se dedicar exclusivamente ao ministério de evangelismo, o tempo de trabalhar em sua área, enquanto outros poderiam fazê-lo. Na minha opinião não é sábio e muito menos estratégico agir dessa forma. Lembro-me que certa vez alguém me disse que eu não deveria trabalhar tanto como médico a ponto de não ter tempo para me dedicar à evangelização.

Creio ser essa uma visão que muitas igrejas, missionários e missões ainda carregam na bagagem, a qual se justifica pelo fato de que o envolvimento de profissionais em missões na América Latina ainda é recente. Ainda há a idéia de que missionário é aquele que se dedica exclusivamente à evangelização, não são vistos como missionários aqueles que trabalham em escritórios, projetos sociais e outros ministérios de apoio. Esperamos que essa mentalidade possa mudar nos próximos anos.

É necessário haver compreensão e apoio aos que desejam se dedicar mais à profissão, pois para desenvolver bons projetos que vão tocar a sociedade é preciso tempo e empenho por parte do profissional missionário, compreendendo que Deus chamou a cada um de uma maneira particular e que Ele está, através da sua multiforme Graça, abençoando as nações e povos não alcançados por meio da multiplicidade de dons, vocações, talentos e chamados.

Também é preciso haver equilíbrio e discernimento para não pender para nenhum dos dois lados. Mesmo aquele que dedica à profissão a maior parte do seu tempo ministerial, tem que tomar cuidado para não fazer da profissão um fim em si mesmo. O risco de perder o objetivo do chamado não é tão pequeno. Por outro lado, esses ministérios não podem ser negligenciados, pois em uma equipe bem estruturada, tornam-se uma verdadeira alavanca para o avanço do trabalho, causando grande impacto na nação e elevando o nome da Igreja de Cristo no país.

CAPÍTULO 7

Portas que se abrem

QUANDO ERA UM ADOLESCENTE sempre li e ouvi falar acerca da importância do trabalho médico na obra missionária. Já li a biografia de vários médicos que viveram para missões. Ao me preparar e sair para trabalhar no campo como missionários, várias pessoas me elogiaram e incentivaram, falando da importância e impacto de um trabalho desta natureza no campo. Fui nessa expectativa, e vi que a coisa não é bem assim. Na verdade, os resultados são mais difíceis de ver e ser médico no campo não quer dizer que tudo vai florescer fácil e rapidamente.

Em se tratando de um campo muçulmano a situação é mais difícil ainda, pois a resistência é muito forte ao Evangelho. Por essa mesma razão em alguns locais do país um trabalho social na área de saúde se torna uma ferramenta eficaz na abertura de portas. São regiões onde um missionário não profissional teria mais dificuldades para entrar.

Temos observado a cada dia que o exercício da profissão médica possibilita o estabelecimento de amizades e contatos que favorecem a evangelização. Esse fato não se restringe à área da saúde, mas outras profissões como mecânicos, professores, engenheiros agrônomos e outros podem ser de muita importância para a Obra Missionária. Isto é básico, pois num país muçulmano evangelizar uma pessoa à maneira convencional, seja pela distribuição de folhetos, convite para vir à igreja ou pregação pública, é uma tarefa complicada. Muitas pessoas têm medo de serem vistas com um cristão ou entrando numa igreja; mesmo neste país que é um “país aberto” observamos que as pessoas se intimidam por esta estratégia e os resultados não são tão positivos, é até perigoso para os nacionais.

Creemos que o ministério na área de saúde é um apoio importante para a evangelização, haja vista os contatos que estão sendo estabelecidos diariamente com os pacientes. Buscamos não somente oferecer um bom atendimento em saúde ou sermos atenciosos com os pacientes, mas temos também distribuído literatura evangélica e estes assistem a filmes bíblicos na sala de espera. Um outro aspecto interessante tem sido a experiência com os nossos empregados. Cada dia, antes de começarmos os trabalhos, temos orado e meditado na Palavra, de fato tem sido discipulado e edificação para muitos deles. Temos também um ministério de capelania, que cuida especificamente da parte espiritual do atendimento clínico, orientando, aconselhando e anunciando as Boas Novas aos pacientes. Alguns dos que freqüen-

tam nossa pequena igreja hoje são oriundos desse trabalho. É muito lindo ver uma criança nascendo em um hospital, mas é muito mais bonito ver uma igreja nascendo no interior de uma clínica médica!

Entretanto, fazendo uma análise um pouco mais profunda, me pergunto: “ como podemos ser mais eficazes no aproveitamento destes contatos que temos, visando a comunicação do Evangelho?” Como equipe, em geral, temos tendência de dedicar muito tempo e recursos aos projetos sociais e menos à evangelização direta. E essa foi a realidade durante nossos primeiros anos de trabalho. Felizmente essa dinâmica tem mudado e atualmente oramos, compartilhamos mais o Evangelho com nossos pacientes em uma proporção maior do que o fazíamos anteriormente. Os resultados têm sido encorajadores. As pessoas do bairro nos conhecem não só como aqueles que tratam os pacientes, mas também por aqueles que oram pelas pessoas.

Para sermos ainda mais eficazes nessa área de evangelismo dentro dos projetos sociais precisamos distribuir de maneira mais sábia as funções e responsabilidades e chamar mais pessoas que venham ao campo para se envolverem de tempo integral no trabalho evangelístico, preparando os poucos nacionais que já temos para envolverem-se nessa tarefa. Uma outra opção seria nos associarmos a outras missões e/ou igrejas locais para potencializar os esforços na evangelização. Essa idéia, porém, exige do missionário e de sua missão uma visão ampla de Reino. Não se pode pensar que a pessoa convertida ou a igreja que

esta sendo plantada é de “propriedade exclusiva” da organização. Parece ser simples pensar assim, mas na prática ainda tem-se por todos os lados muita dificuldade para aceitar esta idéia. O desejo de plantar “nossa igreja”, de ter o “meu discípulo” é ainda forte. Estamos vendo algumas mudanças em algumas estruturas, mas ainda levará mais tempo para uma maior conscientização.

Não podemos, após ter tido todo o trabalho para arar o campo, deixar de lançar a semente. Lançada a semente, não podemos deixar de regar. Em saindo o fruto, não podemos deixá-lo apodrecer no pé. Infelizmente, parece que em alguns momentos agimos assim, “nos matamos” para preparar o campo e não temos lançado a semente, por falta de trabalhadores, falta de estratégia, falta de compreensão de que não podemos fazer a obra sozinhos, egoísmos, disputas. Temos que estar abertos para que outros participem em nosso trabalho e não pensar que como doutor vou ter que curar, evangelizar, construir a igreja e pregar. Quero e tenho me dedicado neste trabalho de proclamação e ensino da Palavra, mas não tenho o tempo que desejaria, devido às responsabilidades com o projeto.

Desejo que estas portas que estão se abrindo com os projetos possam ser aproveitadas para a comunicação do Evangelho de maneira clara e poderosa. Para que muitos destes pacientes que ali são atendidos não encontrem apenas a cura de suas enfermidades passageiras, mas encontrem o remédio que dá Vida Eterna, Jesus Cristo.

Conclusão

GOSTARIA DE CONCLUIR estas páginas de reflexão de maneira bem simples. Meu desejo é que o que aqui foi escrito e compartilhado possa nos levar a uma reflexão sobre os aspectos positivos e negativos do trabalho médico missionário. E que possa servir aos missionários, líderes de agências missionárias, pastores, líderes eclesiais, líderes de conselhos missionários para a melhor orientação de seus profissionais com chamado para missões.

Que seja um estímulo e orientação para todos aqueles que desejam servir a Deus por meio de seus dons, talentos e profissões. Não somente os da área da saúde, embora a tenha mencionado muitas vezes por ser minha profissão pessoal. Entendo e tenho visto um despertar entre profissionais de diversas áreas no Brasil e restante da América Latina e espero ver ainda muitos indo aos campos missionários nos próximos anos, enviados com treinamento e apoio adequados.

Os profissionais são uma grande força dentro das igrejas, uma força adormecida, mas que está se despertando para missões.

A Jesus seja a Glória para sempre entre as nações!